FORMAÇÃO-CONSCIENTIZAÇÃO: A AVALIAÇÃO EM NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Joacir Marques da Costa
Universidade Federal de Santa Maria
mc.joacir@gmail.com

Celso Ilgo Henz
Universidade Federal de Santa Maria
celsoufsm@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo, representa um recorte de uma pesquisa dissertativa, vinculada à Linha de Pesquisa I – Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional (LP1), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Esta se caracteriza como um processo de investigação-formação, pois parte do princípio de que os sujeitos da pesquisa ao mobilizarem sua subjetividade, investigando suas próprias trajetórias formativas e significações acerca da avaliação da aprendizagem, apontam para um movimento de conscientização-formação em uma perspectiva freireana. Considera-se, teórico-metodologicamente, o cenário da Pesquisa-formação, em uma abordagem (auto)biográfica, em que os sujeitos imergem, mediante as narrativas de formação, em momentos de "questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação atual". Assim, as narrativas, por meio de entrevista semiestruturada, se realizarão com três professoras(es) de matemática da Educação Básica da cidade de Santa Maria/RS, de modo a corporificar a pesquisa e redimensioná-la mediante os (entre)laços possíveis ao constructo teórico e metodológico, numa perspectiva hermenêutica de análise. Ao encarar a temática *avaliação da aprendizagem*, se tem a intenção de tecer concepções e problematizar práticas, que, em muitos casos na educação escolar, ainda se mostram enraizadas em uma educação bancária, de modo que a matemática tem contribuído como algoz da repetência e evasão escolar. Tem-se, então, o intento de que as(os) professoras(es) tomem em suas mãos seu processo (auto)(trans)formativo, numa perspectiva reflexiva-crítica-transformadora de sua práxis, mediante um olhar no passado, presente e futuro.

Palavras-chave: Formação-Conscientização; Narrativas (auto)biográficas; Professores de Matemática.

Tessituras Iniciais

Este trabalho diz respeito a um projeto de pesquisa, em andamento, no Curso de Pós-Graduação em Educação/PPGE/UFSM, na linha de pesquisa intitulada *Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional (LP1*), e tem como financiadora a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Têm-se, neste trabalho, através das narrativas (auto)biográficas de professoras(es) de Matemática, o propósito investigativo sobre as significações da avaliação da aprendizagem e como as práticas avaliativas são influenciadas por estas significações, considerando a memória dos sujeitos e seus espaços-tempos formativos.

Tempos e espaços em movimento no *narrar,* no *rememorar*. Narrativas (auto)biográficas de professores que expressem o *vasculhar a memória*, que imbriquem dialeticamente o passado, presente e futuro, de modo, a suscitar um *escutar* e *inventar* a si no tempo e no espaço. Assim, propomos, em um processo de pesquisa que tem os sujeitos como atores principais, a problematização da avaliação da aprendizagem, compreendendo esta como componente pedagógico importante e que muitas vezes vincula-se apenas a "provas" e "testes". Partindo das ambiguidades que a temática avaliação da aprendizagem abarca no contexto escolar, temos como fio condutor das tramas da pesquisa o seguinte questionamento: *como as significações acerca da avaliação da aprendizagem se constituíram nas trajetórias formativas de professores de matemática?* Assim, a avaliação e a matemática são tecidas numa trama complexa, em que professores, muitas vezes, praticam a avaliação como punição e não como possibilidade de problematização do processo – ensino e aprendizagem.

Como desenvolvemos nossas práticas avaliativas? Por que desenvolvemos desse modo? Para que(m)? Penso que estas são perguntas pertinentes de serem realizadas por professores de matemática, já que a matemática é o algoz da repetência e evasão escolar, e a "avaliação" sinônimo de medo, nervosismo, comparação, silenciamento do conhecimento

etc. e não possibilidade de diálogo, problematização do ensino, oportunidade de aprendizagem dos estudantes, etc., uma "avaliação em que se estimule o falar *a* como caminho do falar *com*" (FREIRE, 2006). Nesse sentido, a escola tem desempenhado com competência seus processos de exclusão e domesticação, com discursos verticais, de cima para baixo.

Ademais, é pela construção e mediação de um quadro teórico e de dados empíricos que as discussões aqui propostas, doravante se coadunam a uma perspectiva crítico-reflexiva-libertadora sobre a avaliação da aprendizagem, considerando percursos formativos de professoras e professores de matemática da Educação Básica.

Em uma perspectiva formativa, compreendemos que estamos em constante (auto)(trans)formação, e de que os processos formativos de professores e professoras, além de se constituírem, formalmente, em cursos de licenciatura, eles se dão em sua atuação docente; em aspectos da vida pessoal destes sujeitos, o que nos leva a sublinhar a importância de considerar, no percurso formativo, o processo de escolarização das(os) professore(as) sujeitos da pesquisa, pois acredito que se muitos estão sendo professoras(es) (e escolhendo ser professoras(es)) é também porque houve, e há, marcas significativas enquanto estudantes na Educação Básica.

Desse modo, proporei trabalhar com o material narrativo de professoras(es), à luz da abordagem (auto)biográfica e narrativas de formação (JOSSO, 2010), para que, desse modo, possa acessar espaços e tempos da memória destas(es) professoras(es), tais como: (a) sua escolarização; (b) sua formação inicial e (c) sua atuação docente, de modo a explorar as significações acerca da avaliação da aprendizagem conduzidas pelas narrativas docentes. É dispondo deste recurso teórico-metodológico, que a pesquisa redireciona-se a um caráter (auto)formativo, pois, penso que no momento em que se rememora e se narra a história e experiências, (re)significa-se saberes e práticas, revelando concepções que se possuía outrora e que hoje podem ganhar novos sentidos. Aí considero que se instaura o aspecto formativo do movimento metodológico, revelando o inacabamento do *estar sendo*

professor e o seu processo formativo *permanente* de reflexão-crítica-transformadora sobre a própria prática (FREIRE, 2011, 2003).

Compreendo que ao propor uma pesquisa que acesse memórias, observe práticas do presente e quiçá sonhe possibilidades para o futuro, me desacomodo em minha própria constituição enquanto professor, pois, revivo minhas próprias histórias; revejo minhas próprias ideias; problematizo meus próprios conhecimentos; descortino e tento compreender a realidade, indagando-a com questões de relevância, acima de tudo, para mim mesmo. Assim, a pesquisa perpassa por um processo de (auto)formação do próprio pesquisador.

Desse modo, é que o trabalho ganha sentido, encarando o tema da avaliação da aprendizagem ao longo de *trajetórias formativas* de professoras(es) de Matemática e problematizando questões no âmbito da formação, compreendendo que as(os) professoras(es) trazem consigo, implicitamente e/ou explicitamente, significações que foram constituídas ao longo da formação acadêmica, mas, também, em sua escolarização e atuação docente. Destes espaços e tempos advêm percepções, intenções e saberes de práticas educativas.

Discussões e Movimentos Teórico-Metodológicos: Tecendo Caminhos

Este trabalho diz respeito à proposta de pesquisa dissertativa, em andamento, tendo como objeto de estudo a avaliação da aprendizagem e a formação de professores de matemática. Caracteriza-se como um processo de investigação-formação, pois parte do princípio de que os sujeitos da pesquisa sejam atores principais e que ao mobilizarem sua subjetividade, investigando seus próprios percursos formativos e significações acerca da avaliação da aprendizagem, se movimentem à um processo de formação permanente como conscientização em uma perspectiva freireana. Ou seja, o objetivo primeiro deste trabalho é de que os sujeitos ao narrarem mobilizem-se num processo de (auto)formação consciente.

Considera-se, teórico-metodologicamente, o cenário da Pesquisa-formação segundo a autora Marie-Christine Josso, em uma abordagem (auto)biográfica, em que os sujeitos imergem, mediante as narrativas de formação, em momentos de "questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação" (JOSSO, 2009, p.136). A reflexão sobre os processos de formação, é produtiva pois os participantes são desafiados a investir "ativamente em cada etapa do trabalho" sendo uma atividade de pesquisa que contribui para a "formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas" (p.136).

A abordagem (auto)biográfica suscita que os acontecimentos, experiências e vivências ao longo da vida, sejam incorporados biograficamente pelos sujeitos da pesquisa. Josso (2010b) enuncia que a abordagem biográfica é um meio de observação de aspectos das situações educativas, porque "permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente e natural" (p.36). Nóvoa (2010) elucida-nos que "as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que 'ninguém forma ninguém' e que 'a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida'"(p.166-167). O sujeito que narra coloca-se dentro do processo de narrativização, inserido em um contexto histórico-social-político, ou seja, onde o singular e o plural são inseparáveis num processo formativo que carrega consigo uma temporalidade, experiências e subjetividade próprias.

Assim, estamos em processo de realização da pesquisa empírica, em que, por meio de entrevista semiestruturada, três professoras de matemática da Educação Básica da cidade de Santa Maria/RS são nossos sujeitos, de modo a corporificar a pesquisa e redimensioná-la mediante os (entre)laços possíveis ao constructo teórico e metodológico, ancorado numa perspectiva hermenêutica narrativa de análise (RICOEUR, 1994, 2011). O trabalho de reflexão por meio de uma narrativa de formação (cognitiva, sensível, imaginativa, comovente, apreciativa, afetiva) permite "ter a medida das mutações sociais e culturais em

vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social" (JOSSO, 2010b, p.69).

Dessa forma, observa-se que os sujeitos são conduzidos a um olhar, sentir, escutar a si mesmos; a vasculhar subjetivamente percepções, imagens, autoimagens, valores, emoções e sentidos, sendo possível uma reflexão e formação em processo. São experiências, de distintos lugares, conduzidas pelas narrativas de professoras(es), emergentes nesta pesquisa, não apenas narrativas como relatos de experiência, mas que estas se diferenciem "por serem de natureza reflexiva e problematizadora de suas práticas docentes e de seus saberes experienciais" (FREITAS; FIORENTINI, 2007, p. 65). Lugares compreendidos não como espaço físico, mas como os distintos espaços-tempos de formação de significados por parte das(dos) professoras(es), considerando, portanto, a escolarização (ensino fundamental, médio), formação inicial (graduação), pós-graduação, atuação docente etc., compreendendo estes lugares como constituintes de simbolizações, concepções, sentidos etc. Souza (2006) compreende que a biografia e autobiografia das trajetórias de escolarização e formação, tomadas como narrativas de formação inscrevem-se numa "abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo formativo e autoformativo, através das experiências dos atores em formação", constituindo "estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação" (p.139).

Conclusões Parciais

As narrativas são mediadas pela percepção sensível da ação docente, pela problematização da própria práxis pedagógica, em que logo, o pesquisador que aqui disserta, reafirma que a pesquisa é um lugar de (auto)(trans)formação, contribuindo para mudanças significativas no que diz respeito à práticas educativas. Fiorentini e Miorim (2001) destacam que as narrativas [...] dizem respeito a histórias que ocorrem num determinado tempo (de vida estudantil ou profissional ou, mesmo, durante um curso ou

uma aula) e lugar (na escola, na universidade, ou na sala de aula), sendo o professor autor, narrador e protagonista principal da trama. As narrativas, portanto, representam um modo de produzir significados a experiências passadas e presentes, tendo em vista a possibilidade futura de novas experiências (p.22).

Destarte, a Pesquisa-formação situa-se "na corrente de uma metodologia de compromisso dos pesquisadores numa prática de mudança individual ou coletiva" (JOSSO, 2010a, p.101) e em uma "abordagem do sujeito consciencial, de suas dinâmicas de ser no mundo, de suas aprendizagens, das objetivações e valorizações que ele elaborou em diferentes contextos que são/foram os seus" (p.125). Sujeito este, que vai se desenvolvendo como *corpo consciente* (FREIRE, 2002a) sócio-historicamente no processo de conscientização de si e num movimento dialético instituído partindo da realidade, refletindo *sobre* e voltando-se à realidade, para transformá-la. A conscientização vai além da tomada de consciência, visto que "a tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência" (FREIRE, 1980, p.26), assim, a conscientização exige o engajamento de ação transformadora que "não para, estoicamente, no reconhecimento puro, e caráter subjetivo, da situação, mas, pelo contrário, prepara os homens, no plano da ação, para a luta contras os obstáculos à sua humanização" (FREIRE, 1983, p.114). Essa conscientização de si, suscita um compromisso histórico de fazer e refazer o mundo, dentro das possibilidades, fazendo e refazendo também a si mesmos.

Ao encarar a temática *avaliação da aprendizagem*, temos a intenção de construir concepções e problematizar práticas, que, em muitos casos na educação escolar, ainda se mostram enraizadas em uma educação bancária. E, por sua vez, o ensino de matemática tem contribuído como algoz da repetência e evasão escolar. Logo, os professores tomam em suas mãos seu processo (auto)(trans)formativo, numa perspectiva reflexiva-crítica-transformadora de sua práxis, mediante um olhar tridimensional - passado, presente e futuro.

Referências

FIORENTINI, D.; MIORIM, M. A. Pesquisar & escrever também é preciso: a trajetória de um grupo de professores de matemática. In: FIORENTINI, D.; MIORIM, M. A. (Org.). *Por trás da porta, que matemática acontece?* Campinas: Graf. FE-Unicamp; Cempem, 2001. p. 17-44.

FREITAS, M. T. M; FIORENTINI, D. **As possibilidade formativas e investigativas da narrativa em educação matemática.** Revista Horizontes, v. 25, n. 1, p. 63-71, jan./jun. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. (Coleção O Mundo, Hoje,v.21).
_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. (tradução de Kátia Mello e Silva). 3.ed. São Paulo: Moraes,1980.
_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Trad. Albino Pozzer. Coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a.
_____. **Experiências de vida e formação**. Tradução por José Claudino e Júlia Ferreira. 2ª Ed. ver. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010b. 341 p. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).
_____. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte e conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (et. al.). **Essas coisas do Imaginário**: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O Método (auto)biográfico e Formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.
_____. **Teoria da interpretação**. Editora: Edições 70, 2011.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica:interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M B.(orgs.) Tempos**, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegere: EDIPUCRS, 2006.